

**Uma epistemologia feminista para a construção
de pesquisas de comunicação**

*A feminist epistemology for the construction
of communication research*

Sandra Regina SILVA¹
Osvando José de MORAIS²

Resumo

A epistemologia feminista é um dos possíveis olhares da pesquisa científica no século XXI para a construção de investigações que contribuam para a diversidade e a diminuição do viés machista, desenvolvido durante décadas em trabalhos de inovação e pesquisa a partir de um paradigma de suposta neutralidade. Conforme Heidegger, a descoberta da verdade requer a denúncia para o estabelecimento do conhecimento. A partir da fundamentação teórica de pesquisadoras feminista é possível estabelecer um olhar mais humano na produção científica de comunicação, num momento de intensa revolução tecnológica de inteligências artificiais que infelizmente reproduzem modelos sexistas, a partir de bancos de dados com um viés masculino.

Palavras-chave: Epistemologia feminista. Pesquisa científica. Produção científica.

Summary

Feminist epistemology is one of the possible perspectives of scientific research in the 21st century for the construction of investigations that contribute to diversity and the reduction of sexist bias, developed over decades in innovation and research work based on a paradigm of supposed neutrality. According to Heidegger, the discovery of truth requires a denunciation for the establishment of knowledge. Based on the theoretical foundations of feminist researchers, it is possible to establish a more human perspective on the scientific production of communication, at a time of intense technological revolution in artificial intelligences that unfortunately reproduce sexist models, based on databases with a masculine vision.

Keywords: Feminist epistemology. Scientific research. Scientific production.

¹ Mestra em Mídia e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista (UNESP). Professora de Publicidade e Propaganda no Centro Universitário Unisalesiano Lins. E-mail: Sandra.silva@gmail.com

² Doutor em Comunicação Social pela Escola de Comunicação e Artes (ECA-USP). Professor do Programa de Pós-graduação em Mídia e Tecnologia da Unesp. E-mail: osvando.j.morais@unesp.br

Introdução

Pensar em possíveis interpretações e paradigmas utilizados nas pesquisas da área de comunicação social no século XXI é pensar sobre uma variedade de temáticas e metodologias. Ao analisar a pesquisa acadêmica até os anos 1970, é possível identificar a objetividade e a busca de uma pesquisa masculina, supostamente neutra (San Segundo, 2022). A partir daquela década, inicia-se a desarticulação da declarada neutralidade na pesquisa científica com o desenvolvimento de pesquisas com um olhar feminino, distinto das produções que escondiam práticas de misoginia, racismo e machismo, fundamentadas em conceitos que asseguravam benefícios econômicos e sociais para os homens. Assim, foi possível verificar a intensificação da realização de pesquisas com temáticas feministas, os chamados estudos de gênero e os estudos sobre racismo que resgataram a história e a identidade das mulheres negras não representadas no feminismo predominantemente branco e das mulheres lésbicas e mulheres trans, além de outros conhecimentos singulares e ancestrais dos diversos grupos femininos.

Historicamente, a objetividade e a racionalidade estão relacionadas ao homem e a passividade remete à mulher, que fica invisível na sociedade ou têm suas narrativas distorcidas. Ketzer (2017) conclui que os estereótipos masculinos da sociedade são reproduzidos na ciência. Para Castro e Egger (2002) o conhecimento institucional controlado pelos homens que contaram a história da humanidade criou um monopólio masculino, branco e heterossexual, excluindo grupos e movimentos sociais e populares.

Beauvoir (2009) compara a representação feminina e a masculina nas narrativas literárias. A figura da mulher é a do ser adormecido que espera o salvamento, é a figura da vítima de algum feitiço, é a presa em uma torre. A figura do masculino é a representação do herói, do salvador, daquele que pratica a ação e daquele que faz a história acontecer. A ciência dissemina esses estereótipos. Harding esclarece que as mulheres brancas foram caracterizadas historicamente como mais frágeis e por isso não eram estimuladas a esforços físicos. Inversamente, as mulheres negras foram historicamente relacionadas aos empregos domésticos, submetidas aos esforços físicos contínuos e extenuantes, sofrendo a falta de respeito e até a falta de domínio sobre seus corpos, com a erotização estereotipada desse grupo de mulheres.

As lutas feministas têm um longo caminho nos séculos mais recentes, com as ações da primeira onda que resultaram na conquista do direito das mulheres brancas ao

voto e que infelizmente não incluíam as mulheres negras, vítimas da escravidão, um direito que tampouco beneficiava os homens negros. O feminismo sufragista era exclusivamente branco. Na segunda onda do feminismo foi conquistado o acesso ao mercado de trabalho da mulher na modernidade, a libertação do corpo feminino e com a possibilidade do controle de natalidade e da permissão do aborto em muitos países, com o crescimento da luta contra o discurso homogêneo da superioridade masculina e o fortalecimento do feminismo das mulheres negras. Na terceira onda, a forte presença nas mídias sociais, as ações práticas de empoderamento, a sororidade dos diversos grupos femininos, a luta pelos direitos dos grupos LGBTIQ+ e a consolidação da luta pelo fim do patriarcado consolidou feminismos plurais, ativistas e esclarecedores sobre a exploração histórica da mulher ao longo dos séculos e inovadores, reescrevendo assim a história a partir da visão de um protagonismo feminino.

A pesquisadora espanhola San Segundo cita a entrada das mulheres na universidade na Espanha nas primeiras décadas do século XX e a entrada massiva de estudantes do sexo feminino no ensino superior a partir dos anos 1970 e 1980 como conquistas recentes das mulheres. No início da alfabetização de meninas na Espanha, em meados do século XIX, a educação formal feminina era apenas para fins de educação familiar dos futuros filhos do sexo masculino que nasceriam em um casamento, numa clara limitação do direito das mulheres à formação educacional e ao conhecimento. Infelizmente, essas restrições dos direitos das mulheres aconteceram em todo o mundo e continuam acontecendo em países do Oriente Médio.

Ao longo da história, a natureza feminina, que tem singularidades como a menstruação e gravidez, caracterizadas algumas vezes como doenças, teve o acesso restrito a ambientes como a escola e o mercado de trabalho. O casamento e a gravidez, seguidos dos muitos compromissos a serem cumpridos exclusivamente pelas mulheres no cuidado do lar e dos filhos até as recentes décadas do século XX, também atuaram como barreiras históricas para o desenvolvimento da carreira profissional das mulheres.

Nas ciências, as pesquisas entranhadas no sexismo e na mirada masculina histórica resultaram na produção dos conteúdos que muitas vezes excluíram as mulheres do conhecimento acadêmico, durante séculos. É preciso desentranhar e ampliar o sujeito do conhecimento, não limitando a pesquisa feminista apenas aos estudos de gênero que começaram a ganhar importância a partir dos anos 1970, mas transformar e reconstruir toda a ciência a partir de um olhar feminino, com o desvelamento do ser. A partir da

descoberta, é necessário fazer a denúncia e assegurar que a verdade seja esclarecida, seja revelada (Heidegger, 1986). A presença feminina na pesquisa é essencial para a busca do sentido de ser no mundo, presença essa não apenas compreendida a partir das ocupações no mundo mas a partir das relações desenvolvidas. “A compreensão do ser é em si mesma uma determinação do ser da pre-sença” (Heidegger, 1986, p. 38). A construção dessa presença feminina deve avançar, necessita ser interpretada, na busca da sua própria verdade histórica. Para o filósofo, a busca desta verdade exige abalar a rigidez e a tradição petrificada, numa remoção dos entulhos que foram acumulados pelo caminho ao longo dos anos.

San Segundo explica que as pesquisas para o desenvolvimento de medicamentos são mais comumente testados apenas em homens na última etapa. O urbanismo das cidades é um projeto desenhado para o homem ao longo dos séculos e não para as mulheres que ainda lutam pelo direito de estar em espaços públicos no século XXI em muitos países com governos antidemocráticos. O design dos automóveis por exemplo, é criado para o sexo masculino, os veículos não são projetados para a mulher que dirige o carro e leva os filhos para a escola. Na medicina, há mais desenvolvimento de pesquisas das enfermidades dos homens na comparação com as das mulheres. “São práticas que significam uma elevada perda de conteúdos e perspectivas científicos. Há uma sobrevalorização das ciências e disciplinas que têm presença feminina limitada e o prestígio social nos setores com muita presença da mulher” (San Segundo, 2022).

A partir da leitura e interpretação de Heidegger sobre a problemática do ser, foi desenvolvida pesquisa bibliográfica sobre a epistemologia feminista na busca de uma ciência, como ser que contribui para a cura das ciências de comunicação social e para o desenvolvimento mais adequado da carreira e de pesquisas realizadas por pesquisadoras na área de comunicação.

A fundamentação é a apresentação virtual da pesquisadora Rosa San Segundo sobre o tema epistemologia feminista na plataforma You Tube, a partir da problemática sobre o desenvolvimento de uma ciência mais inclusiva, feminina e diversa. O questionamento sobre a pesquisa científica é também uma reflexão sobre quem financia a ciência e a identificação da urgência do desenvolvimento de um olhar periférico, de um olhar feminista, com conhecimentos emancipadores e o aumento de financiamentos de pesquisas que utilizam a epistemologia feminista.

A construção do conhecimento feminista

A epistemologia é a disciplina científica que valida o conhecimento científico e, ao longo das décadas, várias correntes foram alterando os paradigmas científicos da pesquisa. San Segundo enumera os paradigmas positivista, pragmático, tecnológico, social-epistemológico e o feminista, em pesquisas da área da ciência da informação. O positivismo lógico da realidade objetiva, o saber bibliográfico e a linguagem documental sem subjetividade perderam a importância com a chegada da interatividade. Do ponto de vista tecnológico, foi iniciada a revolução da ciência a partir de teorias da informação como a de Shannon (Mattelart, Mattelart, 1999) que estabeleceu um sistema linear de comunicação a partir da fonte de informação, do aparelho codificador ou emissor da mensagem, do canal, do decodificador ou receptor que interpreta a mensagem e da destinação, pessoa a quem é transmitido o conteúdo, que pode sofrer ainda alterações se houver ruídos no processo. “Com esse modelo, transferiu-se, nas ciências humanas que o adotaram, o pressuposto da neutralidade das instâncias emissora e receptora” (Mattelart, Mattelart, 1999, p.60).

As epistemologias tradicionais que foram surgindo ao longo das décadas eram individualistas, conforme análise de Ketzer e tinha foco apenas no sujeito. Apenas a partir dos anos 1970, a busca do conhecimento começou a ser socialmente construída, com ênfase nas relações humanas, sociais e políticas.

Nesse período começaram a ser intensificadas as pesquisas com temáticas feministas, no entanto esse posicionamento social-epistemológico não contribuiu para o enfraquecimento de uma visão única masculina da ciência, que continua a ser praticada na contemporaneidade. “O olhar único masculino na ciência confirma preconceitos sexistas e androcêntricos em uma perda que limita os horizontes da ciência mesmo” (San Segundo, 2022).

Castro e Egger (2002) identificam o fundamento da epistemologia feminista na experiência cotidiana das mulheres que construíram o conhecimento tecido em espaços do cotidiano, espaço esses muitas vezes privados, numa descoberta e redescoberta da vida das mulheres. Estes grupos não tinham acesso à vida pública, às instituições e aos benefícios dos homens e sofreram um apagamento de histórias de vida. Há portanto muita pesquisa e trabalho a ser feito, re-feito incluindo a história dessas mulheres.

As metodologias feministas são caracterizadas pela pesquisa como indagação crítica que investiga as relações de poder em diferentes realidades; pela pesquisa de voz com a abordagem que pode ser relacionada ao lugar de fala (Ribeiro, 2020) e sobre o silenciamento das vozes ao longo dos séculos, que agora percebidas não ficam mais restritas a experiências individuais mas devem ser analisadas teoricamente. A reflexividade é outra característica da epistemologia feminista e que conduz ao questionamento da pesquisa neutra e busca a subjetividade feminina com o objetivo de promover práticas igualitárias. E a quarta característica é a ética do cuidado que não tem relações de hierarquia e busca construir uma pesquisa científica com contribuições dos pesquisados. Estes não são mais meros objetos de pesquisa mas atuam como sujeitos atuantes, participantes do processo científico.

Harding esclarece sobre a fundamentação do ponto de vista feminista que é uma pesquisa para as mulheres que antes tinham acesso apenas ao conhecimento produzido do ponto de vista dos outros, dos homens. A teórica feminista compara este conhecimento dominante ao “truque de Deus”, conceituado por Donna Haraway e que era utilizado na ciência para falar com autoridade sobre todo mundo, sem no entanto ter origem em nenhum lugar especial e sobre nenhuma perspectiva mas que parecia remeter sempre à verdade inquestionável. Este posicionamento supostamente neutro, único e superior, produzido no norte masculino e reproduzido amplamente no sul, escondia conceitos e interesses econômicos e sociais que eram contrários às mulheres.

Na pesquisa do ponto de vista feminista, a investigação das instituições sociais dominantes é inserida num método que traz uma abordagem política e das lutas sociais. Até mesmo para ter acesso aos financiamentos e bolsas de pesquisas, a mulher tem de lutar mais em áreas com científica com pouca tradição de produção científica feminina, conciliando muitas vezes o cuidado da casa e dos filhos e a necessidade de manutenção financeira. É importante destacar que esta natureza política está presente em todos os aspectos da pesquisa científica. A política pública auxilia no crescimento e expansão do conhecimento científico. Por isso é importante compreender o funcionamento das políticas. “Quais políticas favorecem e quais obstroem o desenvolvimento do conhecimento e para quem, quais grupos, tais políticas favorecem ou constroem o conhecimento.” (Harding, 2012, p.49)

A investigação científica desenvolvida com a inclusão das lutas e causas feministas fortalece uma agenda pública pela igualdade de salários e direitos trabalhistas

das mulheres, proteção e fim da violência doméstica, acesso aos serviços de saúde e renda. Somente ao analisar as instituições dominantes e as práticas de poder, é possível identificar as relações opressivas no funcionamento da estrutura social hierárquica do mecanismo opressor. Algumas vezes os oprimidos podem reproduzir muitas vezes discursos dominantes. O que requer investigar a coletividade, a consciência de grupo e não apenas as trajetórias pessoais e o individual. Pela similaridade desse aspecto da consciência de classe, a metodologia do ponto de vista feminista foi comparada à teoria marxista. Este não é aspecto a ser explorado neste artigo. A epistemologia firmou seus fundamentos teóricos no século XX e continua influenciando mulheres e pesquisadoras na contemporaneidade, em perspectivas plurais.

San Segundo mostra a necessidade de reformulação da própria ciência e a denúncia da ciência como barreira discriminatória de sexo. “A epistemologia feminista é um mecanismo para favorecer a mulher em conteúdos científicos na construção da ciência como construção social” (2022).

Harding (2007) identifica o pequeno número de mulheres em ciências naturais, nas matemáticas, nas engenharias, no comando de empresas de ciência e tecnologia e no desenvolvimento de pesquisas com fomento e bolsas de pesquisas na comparação com os homens. Conforme a pesquisadora, essa limitação traz resultados negativos nas pesquisas de inovação desenvolvidas porque os que têm poder econômico e político são os determinam o que é verdade. É possível inferir que devem ser desenvolvidas práticas de olhar crítico porque ao longo dos últimos séculos foram acrescentadas nas pesquisas trabalhos de mulheres privilegiadas que desenvolveram uma ciência em sintonia com o pensamento dominante masculino. Estas pesquisas com viés sexistas muitas vezes justificam imposições legais e privam as mulheres de seus direitos. Conforme Harding, até as máquinas e equipamentos criados nesses ambientes não são neutros, têm gênero. É possível por exemplo, constatar o machismo e preconceito racial em algumas inteligências artificiais de geração de imagens e de reconhecimento facial que promovem o apagamento e a discriminação do sexo feminino, assegurando a hegemonia branca masculina em novos conteúdos com circulação viral.

É essencial destacar também que o incentivo e a concessão de bolsas de pesquisas a mulheres podem gerar questões sobre as práticas conceituais de poder.

Opiniões sexistas e racistas não são invenções de indivíduos ou grupos de pesquisa, são suposições amplamente sustentadas por instituições e pela sociedade como um todo que, antes do surgimento de feminismos e antirracismos, pareciam perfeitamente naturais para quase todo mundo. (Harding, 2007, p. 165).

Haraway conceitua que na busca da objetividade foram criadas fronteiras do conhecimento teorizadas que são mais movimentos de poder do que de busca da verdade, porque os pesquisadores não colocam em prática o que dizem. “Há uma relação muito frouxa entre o que os cientistas acreditam ou dizem acreditar e o que eles realmente fazem” (Haraway, 1995, p.9) A autora critica a objetividade científica descorporificada e que é resolvida apenas com referentes já ausentes porque é uma doutrina científica inventada apenas para distrair a atenção. em vez de buscar o conhecimento do mundo através da ciência. É um conhecimento produzido apenas como forma desejada de poder, uma ciência enviesada que deve ser rejeitada pela comunidade científica.

Conforme Haraway, o caminho das pesquisadoras feministas é o da insistência de uma explicação mais adequada do mundo e não apenas sobre mostrar os possíveis modos de construção. É preciso avançar com teorias críticas sobre significados e corpos e não continuar com uma ciência descorporificada. A busca da objetividade feminista é sobre os saberes localizados, com localização limitadas e conhecimento restrito e corporificado, crítico e apoiado nas redes de conexão, atuando contra formas de conhecimento não localizáveis e irresponsáveis.

Com essa perspectiva, os objetos de pesquisa passam a atuar como atores e agentes e não passivamente. A ciência feminista não deve ser fundamentada no relativismo que não está em lugar nenhum e que alega que está em toda a parte ao mesmo tempo. “O desafio da ciência feminista é buscar um conhecimento potente para a construção de mundos menos organizados pelos eixos de dominação.” (Haraway, 1995, p.24). Outra crítica é sobre as pesquisas de identidade que não produzem ciência. Para a teórica, o que produz ciência é o posicionamento crítico, ético e político na investigação dessas identidades. Essa é a diferença entre uma visão de um corpo complexo e contraditório do corpus científico, da vida das pessoas, do estímulo de conversas e da interpretação crítica desses códigos, corpos e significados versus uma visão de cima, de lugar nenhum e fundamentada no simplismo.

É possível inferir que as mulheres precisam re-pensar a pesquisa científica para evitar a reprodução do viés machista e racista. Harding define como uma pesquisa forte

a que é iniciada por estruturas conceituais diferentes das dominantes, trazendo novas perspectivas para abordar as opiniões comuns, com uma perspectiva crítica feminista que defenda os valores e interesses democráticos, ampliando oportunidades e assegurando visibilidade na pesquisa porque os valores e interesses antidemocráticos bloqueiam o conhecimento e silenciam as críticas aos modos de pensar dominantes.

O desenvolvimento desta epistemologia feminista possível traz outras perspectivas teóricas e esclarecedoras que questionam as práticas de ciência, inovação, tecnologia e desenvolvimento porque incluem novas histórias e novas geografias de distribuição do conhecimento diferentes do hegemônico, com reflexões até sobre os conhecimentos ancestrais como das mulheres indígenas, que foram exterminadas durante séculos pela civilização ocidental europeia, e que continuam a ser transmitidos às novas gerações no século XXI para a preservação desses povos.

Ketzer rejeita a masculinidade existente na pesquisa quantitativa e explica que não há apenas uma única epistemologia feminista. Existem muitas ideias e argumentos que questionam a racionalidade e objetividade masculina e os resultados enviesados, contribuindo assim para a construção da epistemologia feminista plural, numa nova onda feminista em que as mulheres esclarecidas de seus direitos e da verdade histórica bem como do desafio de reconstruírem a história que foi negada a elas, propõem-se a fazer ciência feminista, revolucionando a sociedade e colaborando para a construção de um mundo mais igualitário.

Considerações finais

A importância de fazer reflexões sobre a epistemologia feminista no século XXI deve atuar no combate dos posicionamentos ultraconversadores que se tornaram mais comuns nos anos recentes, como resultado da manipulação realizada por governos antidemocráticos em diversos países em todo o mundo, incluindo o Brasil, durante o governo Bolsonaro. Nos Estados Unidos, a Suprema Corte suspendeu em 2022 o direito constitucional ao aborto com consequências imediatas em todo o país, com o desmonte de clínicas e centros de apoio às mulheres, indicando um retrocesso no direito da mulher de decidir sobre seu próprio corpo, em uma sociedade com crescente desigualdade social, intensificada pela pandemia de Covid-19. No Oriente Médio, o Afeganistão reforçou a repressão contra as mulheres, com restrições de acesso à educação e ao mercado de

trabalho e de mobilidade, após a volta do grupo Talibã ao poder. No Irã, a atuação da política da moralidade suscitou protestos de feministas em todo o mundo em 2022 e 2023. Na Europa, alguns países também sofreram retrocessos com a chegada ao poder de governos anti-democráticos.

Cresceu no Brasil o discurso anti-feminista, homofóbico e racista com a suposta valorização da família tradicional e patriarcal, que restringe direitos das mulheres. Como resultado dessa desvalorização da mulher, continuaram a crescer os números de feminicídios, da violência doméstica e o aumento da perda de emprego das mulheres, acentuadamente durante a pandemia de Covid-19. As mulheres e meninas também são alguns dos grupos que sofreram mais as dificuldades do estudo on-line e viram diminuídas suas chances da entrada na universidade e no mercado de trabalho com disseminação do vírus da covid. No universo das mulheres negras, é possível refletir que as perdas são ainda mais expressivas.

Num ambiente de crescimento das desigualdades durante a pandemia, avançaram os movimentos sociais e o trabalho de organizações não-governamentais para auxiliar essas populações que sofreram com o deserto no campo governamental federal de falta de apoio, conscientização e de políticas públicas de saúde, de trabalho e de educação. Ao crescimento do preconceito nas redes sociais, houve a resposta do fortalecimento do ativismo social feminista digital e presencial em passeatas e protestos. E na sociedade cresce a conscientização dos vários feminismos e das demandas e das necessidades sobre esses grupos diversificados de mulheres, com o fortalecimento da representatividade das várias mulheres em toda a sociedade.

Nos anos mais recentes cresceu também a discriminação e opressão das mulheres indígenas, expostas a uma constrangedora política do governo federal Bolsonaro de apoio ao falso desenvolvimento que destruía as florestas, a natureza e incentivou a exploração de minerais preciosos e a venda de madeira, destruindo assim a casa dos povos originários. Para combater essa barbárie, as fortes lideranças indígenas femininas passaram a denunciar essa política destruidora do meio ambiente, com o despontamento de jovens ativistas indígenas que alcançaram representatividade com narrativas de preservação do meio ambiente. Também houve fortes reações no exterior, com países europeus parceiros que decidiram punir o Brasil com o bloqueio de fundos de investimentos, numa reação rápida contra essa política do desmatamento do governo

Bolsonaro. O início do governo Lula com a criação do ministério dos povos indígenas é um início da reparação aos povos originários, com o comando de uma ministra.

Harding afirma que é impossível dissociar a política da pesquisa e que toda pesquisa envolve relações de poder. A disseminação do conversadorismo e da ultra-direita em um ambiente do século XXI é machista, androcêntrica e tem forte fundamentação nas redes sociais podendo afetar toda a política pública e até mesmo setores distantes do governo central. Esses ataques têm acontecido em universidades e em centros de pesquisa que atuam como locais de resistência à barbárie mas que foram duramente atingidos no governo Bolsonaro por grandes cortes financeiros, pela falta de investimento em pesquisa e pela forte polarização de ideias. É preciso um posicionamento de pesquisa forte na universidade contra esse avanço do conservadorismo que afeta as mulheres. E avançar na pesquisa, na criação de consciência feminista e do fortalecimento das identidades femininas diversas.

Heidegger classifica o impessoal como o ser-para-a-morte. Então é necessário construir a subjetividade, a identidade feminina. O desafio das mulheres e de toda a sociedade é o ser da ocupação no mundo (ser-em) lançando-se com força na pesquisa, em projetos contra a opressão num modo de ser no mundo, rejeitando aqueles modos deficientes de omissão, descuido e descanso. Esse ser no mundo descrito por Heidegger (2000) é ser visto em toda a sua presença, reconhecendo o mundo e discutindo o mundo, rompendo com análises cartesianas que possibilitavam apenas construções seguras da manualidade. O ser-com-as mulheres na epistemologia feminista constitui o ser no mundo como cura para as próximas décadas. A importância da pesquisa dos saberes localizados feministas é algo a ser desentranhado, porque o espaço está fragmentado em lugares e para perceber isso, é preciso distanciar-se, analisar, investigar, acessando assim o verdadeiro conhecimento, compreendendo o discurso, que mostra a manualidade do mundo e a linguagem, que é o pronunciamento dos discursos. Para Heidegger, a compreensão guarda em si a possibilidade de interpretações da apropriação do que se compreende. Assim a pesquisa feminista de voz, de ponto de vista crítico, da reflexão e do cuidado atuam nessas articulações e significações expressas na comunicação de indivíduos e grupos.

A epistemologia feminista na ciência da comunicação tem uma pertinência num ambiente de frenética inovação tecnológica e de disseminação intensa de conteúdos nas redes sociais. É preciso construir uma pesquisa científica na comunicação com um olhar

feminista em um cenário de proliferação de algoritmos com viés machista, conservador, homofóbico nas plataformas sociais e da viralização sistemática de *fake news* e de posicionamentos polarizados radicais, manipulados por grupos políticos e econômicos que desejam permanecer conquistando vantagens financeiras por esses mecanismos. Num redesenho das inteligências artificiais, denunciando os conteúdos que reforçam uma perspectiva machista para a construção possível de bancos de dados com diversidade, com um viés feminista. Conforme Webb (2023) imagens de cargos de poder na IA *Midjourney* são representados apenas por homens brancos, sem a presença de mulheres. Até a representação da plateia do evento de tecnologia nos Estados Unidos onde Webb dava a palestra, para a IA é uma plateia formada por homens brancos.

A ética do cuidado da epistemologia feminista que deve ser incentivada na pesquisa e convida a sociedade a agir com iluminação, em decisões antecipadoras de pesquisa que podem atuar como agentes que impedem o estabelecimento de distopias e da opressão, numa ciência mais humana. Ao esclarecer as possibilidades, as exigências e até as limitações metodológicas de uma epistemologia feminista com a prática da busca do conhecimento científico, desentranha-se o sentido ontológico da cura. “O estar certo é a apropriação explícita do que se abriu e se descobriu”. (Heidegger, 2000, p. 59).

O desafio da pesquisa enraizada na historicidade e na decisão antecipadora que pode ser praticada pelas mulheres na ciência é um voltar histórico a si mesmo de Heidegger, voltar a esse ser feminino, lançado em sua singularidade e agora iluminado pela epistemologia feminista, possibilitando novas construções existenciais da história na temporalidade, sempre questionando o eixo dominante machista, questionando a própria historicidade porque depende desse eixo. Criada a partir da década de 1970 a epistemologia feminista não está ultrapassada, fora de moda.

O momento presente é o de fortalecer a resistência das mulheres pesquisadoras na construção de novas possibilidades de ser no mundo para a re-construção da ciência mais pluralista e humana interagindo com saberes ancestrais e outras epistemologias do sul num fortalecimento de saberes conectados e localizados, parciais distanciando-se do saber neutro totalizante num momento de grandes transformações tecnológicas que tem criado bancos de dados que apenas reproduzem os saberes masculinos.

Referências

- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. 2 ed. V.1 e V.2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2009.
- CASTRO, Amanda Motta Angelo; EGGER, Edla. **Alguns apontamentos sobre a epistemologia feminista**. Santa Maria: Sociais e Humanas, jul-dez 2002, 25 n.2, p.231-238.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.
- HARDING, Sandra. **Gênero, democracia e filosofia da ciência**. Rio de Janeiro: RECIIS, jan-jun 2007, v.1, n.1, p. 163-168.
- HARDING, Sandra. **¿Una filosofía de la ciencia socialmente relevante? Argumentos en torno a la controversia sobre el Punto de vista feminista**. Ciudad de Mexico UNAM, 2012, p. 39-65.
- HEGEL, G.W.F. **Fenomenologia do espírito**. Petrópolis: Vozes, 5 ed, 2008.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. 9 ed. Parte 1. Petrópolis: Vozes, 1986.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. 7 ed. Parte 2. Petrópolis: Vozes, 2000.
- KETZER, Patrícia. **Como pensar uma epistemologia feminista?** Surgimentos, repercussões e problematizações. Fortaleza: Argumentos, 2017, ano 9, n. 18.
- MATTELART, Armand, MATTELART, Michele. **História das teorias da comunicação**. 2 ed. São Paulo: Ed. Loyola, 1999.
- RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Ed. Jandaíra, 2020.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. MENEZES, Maria Paula [Orgs]. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.
- HARAWAY, Donna. **Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial**. Cadernos Pagu, n.5, 1995. Disponível em: http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/1065_926_hARAWAY.pdf Acesso em: 29 nov 2022
- SAN SEGUNDO, Rosa. **Epistemologia feminista no campo da ciência da informação**. PPGCI: 2022. Acesso em 21 de nov de 2022 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SvVRLJhhnF4>
- WEBB, Amy. **Emerging tech trend report**. SXSW: 2023. Acesso em: 26 de nov de 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vMUpzxZB3-Y>